

## **Religiosidade e Cultura literária na Hispania em época Visigoda: um estudo a partir do pensamento de Isidoro de Sevilha**

Everton Grein<sup>1</sup>

**Resumo:** É bem sabido pelos especialistas que o final do século VI contemplou um processo de profundas transformações na vida social, política e cultural da Península Ibérica. Nada é mais característico da Espanha visigótica dessa época, desde o ponto de vista da cultura, que esse conjunto de transformações, que podem ser interpretados como uma forma de “renascimento”, impresso nas variadas ordens daquela sociedade. Este renascimento que havia se iniciado por obra de insignes eclesiásticos, atingiu seu auge no século VII, do qual nossa referência maior é, sob todos os prismas, Isidoro, bispo de Sevilha, representante máximo da vida política e cultural do reino de Toledo. À luz dessas observações, o presente artigo objetiva analisar esse desenvolvimento do horizonte cultural na Hispania Visigoda através da atuação e do legado cultural e religioso deste eminente prelado.

**Palavras-chave:** Isidoro de Sevilha; Cultura literária e Religiosidade.

## **Religiosidad e Cultura literaria en la Hispania en época Visigoda: un estudio a partir del pensamiento de Isidoro de Sevilla**

**Resumen:** Es bien sabido por los especialistas que el final del siglo VI contempló un proceso de profundas transformaciones en la vida social, política y cultural de la Península Ibérica. Nada es más característico de la España visigótica de esa época, desde el punto de vista de la cultura, que ese conjunto de transformaciones que pueden ser interpretados como una forma de “renacimiento”, impresso en las variadas órdenes de la sociedad. Este renacimiento que fue iniciado por obra de insignes eclesiásticos, alcanzó su punto máximo en el siglo VII, donde nuestra referencia mayor es, desde todos los ángulos, Isidoro, obispo de Sevilla, exponente máximo de la vida política y cultural del Reino de Toledo. A la luz de esas observaciones, el artículo tiene por objetivo analizar ese desarrollo del horizonte cultural en la Hispania visigoda a través de la actuación y de la herencia cultural y religioso de ese prelado.

**Palabras-clave:** Isidoro de Sevilla; Cultura literaria y Religiosidad.

---

<sup>1</sup> Doutorando em História (UFPR). Membro do NEMED (Núcleo de Estudos Mediterrânicos) da UFPR. Membro do Laboratório de Estudos Medievais (LEME) da USP. Professor Colaborador dos Colegiados de Filosofia e Letras da Universidade Estadual do Paraná, Campus de União da Vitória – UNESPAR / FAFIUV / PR.

## INTRODUÇÃO

A cultura literária representa aos estudos históricos uma manifestação sintomática do espírito de uma época. Todavia, uma produção literária pode ser tomada como uma correspondência análoga às condições históricas em geral, que externam por certo um conjunto de elementos característicos do seu próprio contexto. Percebe-se então, que a concepção da criação literária e do criador são resultados diretos de contextos, formas e influências (tanto internas como externas), que assinalam desse modo, a (re) criação da própria ideia de cultura.

Nessa mesma perspectiva, em um estudo publicado originalmente no início dos anos 90, Élisabeth Ravoux Rallo manifestou, de modo coerente e pontual, um dos elementos centrais correspondente aos estudos de história, sociologia e história da literatura: a “*literariedade*” do texto<sup>2</sup>. O historiador da literatura revela sua preocupação com a crítica do discurso e também com as unidades narrativas, voltando-se mesmo aos cuidados relativos ao anacronismo e à vacuidade textual. Assim, a análise de uma cultura literária depende particularmente de dois elementos colocados em evidência de modo distinto, mas que são, por certo, complementares. Por um lado, a própria produção textual, catalisada a partir do estilo da escrita, a linguagem e os influxos metodológicos, e, por outro, o contexto dessa produção, admitindo as inferências sociais, políticas e culturais do seu momento. Uma vez mais, literatura e história se encaminham para a projeção dos aspectos elementares na elaboração daquilo que os especialistas chamam de “cultura literária”. De modo característico verificamos essas manifestações quando lançamos um olhar mais atento para a Península Ibérica na Antiguidade Tardia. A partir da confluência direta de dois elementos, nomeadamente, religiosidade e cultura literária, percebemos a florescência de uma época exarada a partir da pena de seus insignes representantes. Referimo-nos nesse caso à Hispania em época visigoda tomada a partir do pensamento e das obras de seu filho mais ilustre, Isidoro, bispo de Sevilha entre 600 e 636.

Todavia, antes de aprofundarmo-nos nessas questões, cabe-nos delimitar o nosso recorte espaço-temporal naquilo que entendemos como sendo a Antiguidade Tardia. Referimo-nos, de um modo geral, a um período balizado entre os séculos IV

---

<sup>2</sup> Cf. RAVOUX RALLO, Élisabeth. *Métodos de Crítica Literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

e VIII da era cristã, ambientado nas antigas províncias do mundo mediterrânico ocidental. A Antiguidade Tardia foi um período de trânsito entre duas etapas históricas, que revela em seu ínterim um quadro complexo de mutações político-institucionais que vêm, por fim, forjar parte do sentido ao qual diversos especialistas chamam de “transformações do Mundo Romano”. Com efeito, as abordagens correlatas às transformações processadas desde a época romana tardia (nomeadamente os séculos IV e V), têm demonstrado mais do que a ideia de uma “outra Antiguidade” (MARROU, 1979, p.15). Tal assertiva proposta por Marrou fundamenta-se no fato de que, nessa época, produziu-se toda uma revalorização das ideias dos períodos clássico e imperial romano, ideias essas que em grande parte englobam aspectos de cunho social, político, religioso e cultural, sobretudo.

A historiografia tem apontado paulatinamente essas transformações, bem como, os modos característicos, visões, perspectivas, sensibilidades próprios daquele contexto. Evidentemente referimo-nos às transformações particularmente dirigidas aos antigos territórios ocidentais do Império Romano. É importante aqui identificar algumas dessas mutações elementares da *Pars Occidentis* que projetaram tal sentido para a História, e diante disso, relativizarmos a perspectiva proposta por Henri Marrou.

Dentre as muitas possibilidades de análise que poderiam ser contempladas dentro dessa perspectiva, escolhemos uma em particular, a noção de “cultura literária”, que revela não apenas o sentido de transformações do Mundo Romano como também apresenta de modo pontual a ideia de uma nova época, daí a assertiva de “outra civilização”. Mesmo cientes de que a riqueza apresentada pelo tema exige um esforço amplo no trato de diversas questões, sobretudo na perspectiva dialógica – entre História e Literatura – a presente proposta visa somente apresentar alguns elementos gerais da temática, concentrando-se prioritariamente na cultura literária hispânica na Antiguidade Tardia.

Embora concordando com Spina (1997, p.15) que assevera que “uma classificação sinótica dos gêneros literários da Idade Média será sempre uma tentativa”, insistiremos nesse mesmo ponto. Ainda que não objetivemos fazer qualquer tipo de classificação (nem mesmo sinótica) dos gêneros literários hispanos da época visigoda, é necessário mínimamente elencar alguns desses gêneros.

Não apenas historiadores da literatura, mas filósofos, sociólogos, filólogos, linguistas e historiadores manifestaram preocupações acerca da constituição daquilo que poderemos efetivamente considerar uma produção literária de procedência originalmente hispânica. Muitos trabalhos se destacam, especialmente, por sua maneira inovadora e uma interessante forma de abordagem desses aspectos.

Nessa diversidade e riqueza, e poderíamos acrescentar aqui, a complexidade dos estudos relativos à cultura literária no período subsequente à Baixa Latindade, em que se verifica de modo bastante acentuado, no primeiro terço do século VII, uma valorosa produção intelectual, que buscava ao mesmo tempo externar uma inquietação incipiente com seu contexto e por outro lado, manifestar uma preocupação relativa aos prolegômenos, formas e conteúdo de suas escritas.

A Península Ibérica do final do século VI e todo o século VII foi marcada por um formidável elenco de escritores, muitos deles altos representantes do universo eclesiástico. Cabe recordar aqui as pontuais observações de Jacques Fontaine (2002) num estudo intitulado “*Génesis y originalidad de la cultura hispánica en tiempos de los visigodos*”, no qual o filólogo e hispanista francês deixa entrever os elementos compósitos de todo o arcabouço cultural hispânico em época visigoda. Fontaine (2002) ressalta que a civilização hispano-visigoda pode ser expressa através de uma arte e uma literatura que lhes são singulares, em expressões que vieram por certo engajadas na ideia de uma nova realidade, adaptadas às necessidades de uma nova Hispania<sup>3</sup>.

De fato, essa “nova realidade” a que se refere Fontaine (2002), segundo pode-se notar, estava vinculada ao menos a três grandes transformações ocorridas no seio da sociedade visigoda entre os séculos VI e VII, que foram determinantes para todo o processo posterior do desenvolvimento do horizonte social e cultural hispânico. Esses elementos foram nomeadamente a conversão dos visigodos ao catolicismo niceno no III Concílio de Toledo em 589; em seguida, ainda em finais do século VI a preocupação da igreja hispano-visigoda em dotar seu clero de uma formação cultural e religiosa mais profunda<sup>4</sup>. Finalmente, há que se notar, como bem

---

<sup>3</sup> Cf. FONTAINE, Jacques. *Génesis y originalidad de la cultura hispánica en tiempos de los visigodos*. Madrid: Encuentro, 2002.

<sup>4</sup> Sobre essa preocupação da igreja hispano-visigoda, de fato, exara do próprio clero católico segundo o denuncia uma conhecida carta de Liciniano de Cartagena que escrevendo ao papa Gregório Magno se queixa de receber as instruções deste, no momento empenhado em uma verdadeira cruzada por elevar o nível cultural do clero. Tais ordens, segundo bem notou Díaz y Díaz (1976, p.23), que “[...] tendían a negar la ordenación presbiterial a los incultos, no podría nadie ser consagrado sacerdote en

apontou José Carlos Martín (2011), que durante essa época, se cultivaram tanto a prosa como a poesia<sup>5</sup>, pelas quais se sobressaíram diversos autores de notória monta, cujas produções riscaram a paisagem cultural não somente da Hispania visigoda, senão de todo entorno peninsular, e quiçá, do mundo mediterrânico.

## **PALAVRAS DITAS, PALAVRAS ESCRITAS: A LINGUAGEM VISÍVEL**

A conversão ao catolicismo niceno no III Concílio de Toledo em 589, demarcou por certo uma nova fase da história e da cultura da Hispania visigoda. Tema já bastante explorado pelos mais diversos estudiosos, admitimos, mas que para a presente discussão revela um dado bastante precioso. O processo da profissão da fé católica face à ortodoxia ariana dos godos no final do século VI implicou em uma renovação de todo um conjunto de elementos de ordem religiosa, política e social que imprimiram ao mesmo tempo a necessidade de um clero melhor informado acerca de seus próprios problemas temporais, bem como dos espirituais. Ademais, após a conversão houvera ao longo do século VII uma intensa atividade conciliar por toda Hispania, cujas reuniões trataram, entretanto, de questões políticas, espirituais e litúrgicas, especialmente. Embora não existisse na época visigótica qualquer jurisdição englobando as igrejas metropolitanas católicas dentro dos limites territoriais do reino, como apontou Jordi Pinell (1998), havia se estabelecido entre elas uma espécie de conexão com interesses recíprocos, de

---

su província”. Essa polémica questão surge, como notamos na epístola de Liciniano ao papa Gregório Magno, no final do século VI. Cf. LICINIANUS CARTHAGINENSIS. Ep. 1. Edição de MADDOZ, J. *Liciniano de Cartagena y sus cartas*. Edición crítica y estudio histórico. Madrid: Facultades de Teología y de Filosofía del Colegio Máximo de Oña, 1948, pp. 97-124.. A carta que nos referimos está na p.87 do referido estudo e data do ano de 595.

<sup>5</sup> MARTÍN, José Carlos. “La cultura literaria latina en Hispania en el 700”. In: *Zona Arqueologica*, 15, 2011, pp.51-77; segundo o qual (p.53) “En prosa, se escribieron obras de historia política (crónica universal, historia nacional, monografía histórica, listas regias), biográficas, autobiográficas, hagiográficas (vidas y pasiones de santos, visiones del más allá, colecciones de dichos y anécdotas de contenido espiritual), ascético-morales, teológico-doctrinales, pastorales, de polémica religiosa, exegéticas, cartas (en las que se pueden tratar muchas de las materias precedentes y otras como los asuntos políticos y los intereses literarios), reglas y pactos monásticos, tratados de carácter técnico (obras gramaticales, de historia natural, de cómputo pascual, una enciclopedia), composiciones litúrgicas (sermones, misas, oraciones) y documentos de carácter legal (testamentos, donaciones, actas conciliares, leyes). En verso, tanto en metros cuantitativos como rítmicos, la producción conservada es menor. Pueden citarse numerosas inscripciones (sobre todo, monumentales y funerarias), himnos, cánticos y preces litúrgicas, poemas elaborados a modo de prefacio o de conclusión de otras obras o compilaciones de textos, epigramas, epitafios, poemas didácticos, de carácter moralizante, lamentos de tono espiritual e incluso epístolas en verso.”

maneira que todas poderiam de uma forma ou de outra beneficiar-se daquilo que havia sido instituída em cada uma delas.

A liturgia tornava-se a partir de então – desde finais do século VI e início do século VII – um dos principais elementos de coesão e de institucionalização daquela que viria a ser o bastião da monarquia visigótica: a igreja. Tal revigoreamento do ponto de vista litúrgico requeria naquele momento uma transformação nas formas de condução da *eucológia* hispânica, que trouxera consigo, evidentemente, a necessidade de um clero mais bem (in) formado, até como forma de ratificar todo o estágio do desenvolvimento social e institucional do clero católico da época. Assim, dentro do desenvolvimento dessa temática, a preocupação da igreja visigótica para com a formação de seu clero, que antes era visto apenas como um recurso expressivo mais que propriamente uma necessidade, se converte logo em um processo racional de busca por uma definição da própria maturação eclesial hispana da Antiguidade Tardia. Esse propósito foi útil não somente para a diversificação da liturgia cristã da Península Ibérica sob o domínio visigótico, mas também para o cristianismo florescente naquela época e lugar.

Implicitamente, a variedade dos gêneros dos textos litúrgicos hispânicos incorrerá na proliferação de autores e estudiosos sobre o tema, cuja consequência equânime desse processo conduziu ao surgimento de uma literatura brilhante no período. Não cabe qualquer dúvida de que o século VII foi o século de ouro da história e da cultura da Hispania visigoda. É bastante complexo mapearmos aqui as fontes que alimentaram a produção literária eclesiástica da época, todavia, é fato que esses autores beberam da tradição cristã de longo tempo. Sobre essa questão uma assertiva nos parece bastante oportuna: a literatura patrística foi o principal alimento e a base da produção literária hispânica da época tardo-antiga. A cultura visigoda foi fortemente influenciada pelo pensamento cristão, fato que justifica por si a predominância elementar em obras de caráter eclesiástico. Contudo, não podemos nos esquecer que as diferenças entre os níveis individuais de cultura colocariam ainda em manifesto as discrepâncias próprias da época.

A escrita na Antiguidade Tardia pode ser entendida como a manifestação de uma “linguagem visível”, pois, colocou em evidência os lastros da percepção da própria linguagem. Nesse sentido, a palavra escrita teve um papel elementar na manutenção das próprias tradições da Igreja, de modo que, nessa época, notamos

de modo bastante distinto a transformação do sentido e da significação da linguagem enquanto via de comunicação. Segundo Pinell (1998, p.71) “la escuela eucológica romana se había desarrollado a partir de la obra de san Leo Magno (440-461). Había creado unas formas literarias tan perfectas que parecían intocables. Había sabido delimitar ciertas propiedades de su estilo para establecer un estilo eucológico latino.” Esse processo de evolução – em forma e estilo, de modo particular em relação ao sacramentário – atingiu sua plenitude linguística e prática a partir da reforma de Gregório Magno (590-604). Cabe assinalar que tal mudança na perspectiva da condução dos sacramentos e conseqüentemente de toda linguagem canônica, a partir de Gregório Magno, perpassa a Hispania de modo constituinte desde a formação do rito hispânico, exercendo influxo decisivo na estruturação dos ofícios eclesiásticos e do estilo literário.

Conforme destacou Parkes (1998, p.106) “quanto mais a palavra escrita era percebida como suporte de transmissão das autoridades do passado [...] menos ela era entendida como um simples arquivo da palavra falada”<sup>6</sup>, assim, a escrita passou a ter uma função de destaque no universo da produção literária à época tardo-antiga. Todavia, essa transformação no pensamento literário a partir da percepção progressiva da escrita enquanto elemento diferenciador da linguagem levará ainda algum tempo. Com efeito, os primeiros traços dessa transformação em relação à Hispania poderão ser percebidos na época visigoda, particularmente com a interferência de Isidoro de Sevilha no século VII.

O fenômeno essencial da Antiguidade Tardia foi o processo de profundas transformações que marcou os diversos patamares da vida social, política, religiosa, econômica e cultural. Sobre esse último aspecto, em particular, verificamos um grande desenvolvimento entre os séculos VI e VII, onde o representante maior é Isidoro (560-636), bispo de Sevilha desde o ano 600, cuja imanência do pensamento estendera-se por todo Ocidente tardo-antigo e medieval. As categorias e valores do pensamento isidoriano apresentam de forma coerente e personalista o espírito de sua época, naquilo que Orlandis (2006, p.66) com toda justiça chamou de “Era Isidoriana”<sup>7</sup>. Esse período apresentou, sobretudo, um elenco de grandes escritores

---

<sup>6</sup> Cf. PARKES, Malcolm. Ler, Escrever, Interpretar o Texto: práticas monásticas na Alta Idade Média. In: CAVALLO, Guglielmo.; CHARTIER, Roger. *História da Leitura no Mundo Ocidental*. Vol. I. São Paulo: Ática, 1998.

<sup>7</sup> Para tanto, ver ORLANDIS, José. *La vida en España en Tiempo de los Godos*. Madrid: Rialp, 2006.

eclesiásticos, cujas obras seguem como alvo de análise e reflexão por parte de historiadores, filólogos, patrólogos e historiadores da literatura. Com efeito, o horizonte cultural hispano-visigodo dos séculos VI e VII esteve marcado pelo espírito cristológico, cujo ideário fundamentou enormemente as normas e condutas da própria sociedade visigótica.

## **ISIDORO DE SEVILHA: O HOMEM E A OBRA**

Nascido no seio de uma família hispano-romana de tradição cristã, na cidade de Cartagena por volta de 560, Isidoro era o mais jovem de quatro irmãos. Sucedeu seu irmão Leandro na Sé Episcopal de Sevilha por volta do ano 600 e, durante a época em que ocupou o bispado, a cidade do Vale Bético desfrutou de total autoridade enquanto centro de proeminência intelectual do mundo Mediterrânico. Escreveu obras bastante diversas, mas particularmente convergidas à sua formação, ao mesmo tempo clássica e cristã<sup>8</sup>.

O bispo hispalense contribuiu para a vitalidade da Igreja hispânica da Antiguidade Tardia, enfatizando a necessidade de um clero educado e capaz de contornar todos os problemas que atingiam principalmente o campo político, no que tange a relação com os judeus. Dentre vários outros elementos, o contributo isidoriano à Igreja hispana da época tardia é rico, pois, seus escritos orientam sobremaneira as concepções morais fundamentadas num espírito altamente renovador do caráter eclesial. Ao que nos parece, os escritos de Isidoro de Sevilha se apresentam dentro de uma dupla característica. Por um lado, o gosto por uma cultura intelectual, associado ao seu pragmatismo personalista e senso literário clássico, por outro, destaca-se a primazia de sua linguagem gramatical e a eloquência de uma cultura clássica e cristã. Problemas que discutiremos mais a frente.

Os problemas de métodos nos estudos isidorianos já foram, por certo, alvos de muitas discussões por diversos especialistas. Embora não se constitua num tema novo, qualquer estudo que se proponha a analisar a interferência do pensamento isidoriano para a constituição da cultura literária na Hispania Visigoda encontrará por

---

<sup>8</sup> Sobre essas questões, ver o verbete "Isidoro de Sevilha" por Jacques Fontaine *In*: DI BERNARDINO, Angelo. (Org.). *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002, pp.728-730.



certo, caminhos diversos e sempre instigantes no que tange à verificação de algumas possibilidades. Contudo, respeitando os limites do presente trabalho, pensamos que a presente exposição não deva ser tomada como um fim em si mesmo, mas como um ponto de partida para a ampliação e debates das ideias ora apresentadas.

A imagem de Isidoro de Sevilha oferecida pelas fontes da época denota um alto tato intelectual com questões de gêneros diversos. Note-se, nas próprias palavras de Bráulio de Zaragoza (590-651) amigo de Isidoro em sua “*Renotatio Isidori*”, que revela que o hispalense é “[...] um homem valioso, suficientemente formado em todos os gêneros de estilo como para ser capaz de fazer-se entender pelos ignorantes e pelos cultos, dada a qualidade de sua expressão [...]”<sup>9</sup>. Isidoro recebeu uma formação ao mesmo tempo clássica e cristão-monástica, fato que, por si, explicam a complexidade e amplitude do seu horizonte cultural. Contudo, seria demasiado longo descrever cada obra e o grau de contribuição ao pensamento eclesiástico hispânico em época visigótica. Deste modo, sublinhamos que a ressonância do pensamento isidoriano merece destaque sob todos os ângulos, desde o aspecto canônico-espiritual até no campo político-social.

A produção literária do bispo de Sevilha foi extensa. Versava os mais diversos temas, colocando em perspectiva principalmente as obras de cunho religioso. Adotamos aqui a mesma separação relativa à cultura de formação de Isidoro exposta por Fontaine (2002) que assim expunha em três categorias elementares de produção. Primeiramente, as influências da cultura clássica, cujas obras estavam particularmente voltadas a uma perspectiva retórica, filosófica e uma preocupação incólume com relação aos usos da linguagem e da gramática. Num segundo momento, as obras de cunho pedagógico, tais como os *Versus in Bibliotheca*, cuja autenticidade atribuída a Isidoro ao mesmo tempo revela o interesse profundo do hispalense em uma exposição dialógica entre temas sagrados e profanos. Por fim, as obras de procedência religiosa, professando uma moral litúrgica e extremamente eclesial.

No primeiro grupo, verificamos a interferência de diversos autores gregos e romanos da época clássica, como Platão, Cícero, Sêneca dentre outros. A

---

<sup>9</sup> *Braul. Caes. Ren. Isid.* “[...] *Vir enim in omni loquutionis genere formatus, ut inperito docto que secundum qualitatem sermonis existeret aptus, congrua uero opportunitate loci incomparabili eloquentia clarus [...]*”

preocupação manifesta por Isidoro era de uma escrita pautada nas discussões de ordem e simétrica textual, convergindo assim a uma exposição gramatical refinada e de teor altamente concupiscente pela sua exposição. A obsessão pela cultura clássica revela em Isidoro seu pragmatismo pelo senso literário, asseverado ainda pela sua preferência pela *litteratio*, por ele chamado de “estudos elementares”<sup>10</sup>. Para ele, as letras tinham grande poder, era como imagens das palavras, que sem a necessidade de voz (*sine voce*) nos transmitem os ditos dos ausentes. Essa categorização da *litteratio* fora tomada de empréstimo por Isidoro de Sevilha em Marco Terêncio Varrão, cuja influência é inegável em toda escrita do sevilhano.

No segundo grupo se destacam principalmente seus *Versus in Bibliotheca*, uma composição de quinze dísticos dispostos em forma de poemas similares aos de Prudêncio, que decoravam os armários das livrarias de Sevilha<sup>11</sup>. Tais versos são a prova da existência de uma biblioteca equipada em Sevilha e que, ademais, seria ainda o resultado de um profundo conhecimento de obras de categorias diversas em posse do bispo hispalense, dentre as quais pode-se verificar obras desde as Sagradas Escrituras até composições de Orígenes, Agostinho, Hilário de Poitiers, dentre outros.

A composição dos *Versus in Bibliotheca* revela ainda a tradição do pensamento helenístico, aonde o sacro vem antes do profano, cuja convergência leva à abertura de uma cultura poética e uma atitude “antologista”, que pode ser verificado no seu primeiro dístico em que se lê “Eis muitas obras sacras e eis muitas obras profanas: se alguma composição poética te agrada, toma e lê. Vê estes prados cheios de espinhos aonde abundam as flores: evita pegar nos espinhos e colhe as rosas” FONTAINE (2005). Certamente colocando-se como o ponto de partida e fundamento basilar para a avaliação de sua formação cultural. Ainda dentro do segundo grupo da produção isidoriana, destaca-se ainda sua *Historia Gothorum, Sueborum et Vandalorum*<sup>12</sup>, único registro, a que se tem até o presente momento, conhecido acerca da história dos godos entre os anos de 589-625 com uma narrativa fundamental desde o reinado de Recaredo (589) até Suinthila (625).

---

<sup>10</sup> *Isid. Etym. I, 3, 1.*

<sup>11</sup> Para uma referência completa sobre essas questões cf. DÍAZ y DÍAZ, Manuel Cecilio. La transmisión de los textos antiguos en la Península Ibérica en los siglos VII-XI. In: *La Cultura Antica nell'Occidente Latino dal VII all'XI Secolo*. Settimane di Studi del Centro Italiano di Studi Sull'Alto Medioevo. Spoleto, Vol. XXII, 1975, pp.133-175.

<sup>12</sup> Edição elaborada por RODRÍGUEZ ALONSO, Cristóbal. *Las Historias de los Godos, Vándalos y Suevos de Isidoro de Sevilla. Estudio, edición crítica y traducción*, León, 1975.

Por fim, sua produção religiosa. Colocamos aqui somente uma breve discussão acerca dos ditames litúrgicos e eclesiológicos do bispo de Sevilha, pois, uma análise mais concentrada necessitaria, por certo, maior espaço e tempo para exposição. A obra “sacra” de Isidoro de Sevilha pode ser considerada como uma forma de reclame para a reforma litúrgica eclesial hispana. Um dos seus tratados mais relevantes nesse sentido é *De Origine Officiorum Ecclesiasticorum*, colocando em evidência um árduo e coerente esforço pela discussão pautada nas fontes. Escrita a pedido de seu irmão Fulgêncio (c.540-630) que fora bispo de Écija, e se apresenta como uma obra capital para se conhecer a história da liturgia visigótica. Pelo título dessa obra verifica-se aqui a ressonância do pensamento ciceroniano (*De Officiis*) e mesmo de Ambrósio de Milão com seu *De Officiis Ministrorum*, destinado à hierarquia eclesiástica e litúrgica.

A linguagem retórica e o exercício sinonímico demonstram sua preocupação com a formação espiritual. Tais expressões vêm pontualmente clarificadas pela prosa sinonímica com ritmos e frequência rimada. (DÍAZ Y DÍAZ, 1975). Nessa mesma linha segue os seus Livros Sobre as Sentenças (*Sententiae*<sup>13</sup>), uma obra de ensinamentos morais que exprimem as ressonâncias do pensamento de Santo Agostinho (de maneira tríplice, com questões dogmáticas, espirituais e morais) e de Gregório Magno (orientada em termos éticos em particular relação com os *Moralia* gregorianos), em que o bispo Hispalense particularmente revela um pensamento crítico acerca da doutrina ética e religiosa para a sociedade visigoda, abrangendo desde os pobres aos reis.

As concepções políticas para o Reino Hispano Visigodo surgem de maneira mais efetiva a partir de finais do século VI ainda com o monarca Leovigildo. Mas, é no século VII que tais práticas políticas se efetivam, particularmente na realização do IV Concílio de Toledo do ano de 633, sob a regência de Isidoro de Sevilha, aonde houve a elaboração de uma doutrina política modelar para o reino de Toledo. A eloquência de suas observações, pautadas na sua ética religiosa, denotam uma sociedade visigoda constelada pela heterogeneidade, não igualitária e orientada segundo a concepção político-religiosa do seu tempo.

---

<sup>13</sup> A versão utilizada foi elaborada por CAMPOS RUIZ, Julio e ROCA MELIÁ, Ismael. *Sentencias*, in: *San Leandro, San Isidoro, San Fructuoso: Reglas monásticas de la España visigoda: los tres libros de las Sentencias*. Madrid: Editorial Católica, 1971.

Outro relevante trabalho do bispo de Sevilha a que devemos menção em sua produção literária é um tratado *Sobre as Diferenças e Sinônimos*. Um opúsculo claramente influenciado pelo peso da cultura clássica, colocando-se como diálogo entre o homem e a razão. Esses tratados demonstram toda a primazia da sua cultura gramatical, servindo como um verdadeiro guia (*vade-mecum*) instrumental para as boas ações e o bom uso do linguajar. Contudo, dentre suas obras a que mereceu maior destaque são, indubitavelmente, as *Etimologias*. Uma obra prima inacabada que compreende os saberes sacros e profanos, distribuídos em vinte livros versando desde a gramática aos saberes técnicos. Essa obra é muito mais que puramente um tratado sobre as origens das coisas do mundo, tal como classificado pelos editores modernos.

Colocando-se mais como um compêndio da cultura clássica e paleocristã, as *Etimologias* projetam a síntese do pensamento isidoriano, em ordem e proporção (*ordo et proportio*), agregando ainda os elementos das sete artes liberais, o sistema “enciclopedista” helenístico e outros temas como a medicina, direito, política, religião, ciências naturais, dentre outros. Em matéria de escrita, esse trabalho ressalta ainda aquilo que Fontaine (2005, p.729) chamou de “as quatro categorias gramaticais do pensamento isidoriano”, a saber: a glosa, analogia, a diferença e, sobretudo, a etimologia, retomando a antiga fórmula de Varrão. A pluralidade das fontes de Isidoro de Sevilha ainda é um tema irresoluto entre os especialistas, o certo é que a utilização de elementos bíblicos, patrísticos e clássicos são elementos incontestes.

Finalmente, observa-se a partir de uma leitura mesmo que breve da obra do sevilhano, tal como apresentada por ora, revela que ainda há muito por se discutir sobre a contribuição deste a formação da cultura espanhola. Embora o trabalho de fôlego proposto pelo professor Fontaine intitulado “*Isidore de Séville et la culture classique dans l’Espagne Wisigothique*” tenha aberto em muito as perspectivas dos estudos isidorianos, é notável ainda o número de possibilidades em suas interpretações e mesmo a variabilidade com que tem se apresentado tal perspectivas nos últimos anos. Todavia, o conjunto das obras de Isidoro tem colocado em voga questionamentos ainda irresolutos para a história, a filosofia, a teologia e a filologia, questões essas que tomam como o principio elementar de discussão o contexto da época, suas influências e mesmo as motivações que

levaram seu autor na composição desses manuscritos. Evidentemente, as questões colocadas até o presente somente vêm reforçar as perspectivas e a originalidade do trabalho de Isidoro em relação a história e a cultura hispânica de seu tempo.

Entre o grupo de possibilidades suplantado pelo pensamento isidoriano uma questão em particular tem trazido à baila considerações acerca do estilo da escrita e da linguagem utilizada por Isidoro de Sevilha: seria ele o último filólogo da Antiguidade? Questão irrelevante quando nos debruçamos na profundidade do seu pensamento. Com efeito, como pudemos notar a pouco, a originalidade de sua escrita deve ser tomada como o princípio de toda uma tradição e cultura. Novamente afirmamos como no princípio dessa breve explanação, o espírito de uma época, forjado segundo as necessidades do seu tempo, caracterizado particularmente como uma primeira manifestação literária dentre da nascente monarquia Hispânica no limiar da sétima centúria pela pena de Isidoro, bispo de Sevilha.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A plenitude do pensamento isidoriano demonstra verdadeiramente sua preocupação com os problemas de uma Hispania ainda em formação. Um homem de ação e pensamento, cuja fidelidade com a cultura clássica não é menor que sua imparcialidade aos acontecimentos que lhes foram contemporâneos. A linguagem desenvolvida por ele foi, antes de mais, uma clara manifestação de sua eloquência nos recônditos do pensamento clássico, amparados por certo numa formação ética e espiritual, primaz na projeção cultural da Hispania Visigoda.

À Isidoro de Sevilha devemos, de fato, a descoberta da importância transcendental do saber lexicográfico, ainda que ele direcione este saber a uma formação pastoral de vida regrada e de contemplação espiritual. Sua obra voltada a literatura eclesiástica tem como mote principal a ideia de um saber universal, ou que se pretende a tal, realizado por meio de uma síntese global da visão de mundo encerrada por um arguto desejo de finalidade teológica. Todavia, além dessa perspectiva cristológica de sua obra, é necessário aqui admitir que seus escritos representam a racionalização do saber enciclopédico, cujo lastro se formou através dos séculos chegando até os nossos dias como a expressão mais luminosa de uma cultura que é ao mesmo tempo clássica (pagã) e cristã.

Para Fontaine (1983) a obra isidoriana é de importância capital a toda uma orientação cultural e religiosa da Espanha medieval e moderna. Sua produção literária foi muito extensa, fruto de seu conhecimento associado ao seu profundo interesse pela cultura e saber antigo. Ainda que o valor literário da obra de Isidoro não seja um consenso entre os estudiosos<sup>14</sup>, seu mérito é reconhecido por seu estilo conciso e claro,

A rigor, um completo mapeamento do pensamento isidoriano e mesmo a totalidade de seu contributo para a cultura literária da Hispania é uma pretensão que foge os limites do presente trabalho. Contudo, o contributo isidoriano é rico, pois, seus escritos orientam, sobremaneira, as concepções morais fundamentadas num espírito altamente renovador do caráter eclesial e seria demasiado longo descrever cada obra e o grau de contribuição dentro da cultura e da tradição hispânica em época visigótica. Deste modo, sublinhamos que a ressonância do pensamento isidoriano merece destaque sob todos os ângulos, desde o aspecto canônico-espiritual até no campo político-social. De modo que, na presente reflexão nos interessou mais sua produção no aspecto literário do que um aprofundamento sobre suas motivações ou estilos de escrita.

Assim, registre-se ainda que o impacto do pensamento isidoriano foi tomado no seu tempo e diretamente em épocas posteriores a ele, como um verdadeiro guia intelectual, espiritual, teórico e literário. Nesse último aspecto o bispo de Sevilha, mais do que contribuir para a constituição de uma literatura ou de uma língua, seus trabalhos forjaram toda uma cultura. Seu influxo literário revelou mais que uma tradição clássica sobrevivente, pois o transcurso intelectual do bispo hispalense dotado de características próprias e verdadeiramente, detentor ao mesmo tempo da gênese e da originalidade cultural, artífice da *Mater Hispania*.

---

<sup>14</sup> Cf. BODELÓN, Serafín. *Literatura latina en la Edad Media en España*. Madrid: Ediciones Akal, 1989. Sobre Isidoro veja-se em especial as pp.24 e segs.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

*Braul.Caes.,Ren. Isid.* BRAULLIONIS CAESARAUGUSTANUS. Renotatio Isidori a Braulione Caesaraugustano Edita. Edição de LYNCH, C. e GALINDO, P.: *San Braulio obispo de Zaragoza (631-651). Su vida y escritos*. Madrid, 1950.

*Isid. Etym.* ISIDORO DE SEVILLA. *Etymologías*. Edição de José Oroz Reta e Manuel Marcos Casquero. Versão bilíngüe latim-castelhano em edição completa. Madrid: B.A.C., 2004.

*Isid. Sent.* ISIDORO DE SEVILLA “Sentencias”. Versão elaborada por CAMPOS RUIZ, J. e ROCA MELIA, I. *San Leandro, San Isidoro, San Fructuoso: Reglas monásticas de la España visigoda: los três libros de las Sentencias*. Madrid: Editorial Católica, 1971.

*Isid. Hist.Goth.* ISIDORO DE SEVILLA *Las Historias de los Godos, Vándalos y Suevos de Isidoro de Sevilla. Estudio, edición crítica y traducción*. León, 1975. Edição elaborada por Cristóbal Rodríguez Alonso.

*Lic. Carth.* LICINIANUS CARTHAGINENSIS. *Epistolae*. Edição de MADOZ, J. *Liciniano de Cartagena y sus cartas*. Edición crítica y estudio histórico. Madrid: Facultades de Teología y de Filosofía del Colegio Máximo de Oña, 1948.

### Bibliografia

BODELÓN, Serafín. *Literatura latina en la Edad Media en España*. Madrid: Ediciones Akal, 1989.

DÍAZ y DÍAZ, Manuel Cecilio. La transmisión de los textos antiguos en la Península Iberica en los siglos VII-XI. *In: La Cultura Antica nell’Occidente Latino dal VII all’XI Secolo*. Settimane di Studi del Centro Italiano di Studi Sull’Alto Medioevo. Spoleto, Vol. XXII, 1975.

\_\_\_\_\_. La cultura de la Hispania Visigótica del siglo VII. *In: De Isidoro al siglo XI. Ocho estudios sobre la vida literaria peninsular*. Barcelona: Albir, 1976.

FONTAINE, Jacques. *Génesis y originalidad de la cultura hispánica en tiempos de los visigodos*. Madrid: Encuentro, 2002.

\_\_\_\_\_. “Isidoro de Sevilha”. *In: DI BERNARDINO, A. (Org.). Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Isidore de Séville et la culture classique dans l’Espagne Wisigothique*. (3 vols.) Paris : Institut d’Études Augustiniennes, 1983.

ORLANDIS, José. *La vida en España en Tiempo de los Godos*. Madrid: Rialp, 2006.

PARKES, Malcolm. Ler, Escrever, Interpretar o Texto: práticas monásticas na Alta Idade Média. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da Leitura no Mundo Ocidental*. Vol. I. São Paulo: Ática, 1998.

PINELL, Jordi. *Liturgia Hispánica*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 1998.

RAVOUX RALLO, Élisabeth. *Métodos de Crítica Literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SPINA, Segismundo. *A Cultura Literária Medieval*. São Paulo: Ateliê editorial, 1997.